

# A PARAGEM

SEMÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTÓNIO-LINO

 Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84  
 Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Fimalcção  
 Propriedade da Empresa Editora Vimaranesense

## A' MARGEM

NA IMPOSSIBILIDADE de a transcrevermos na íntegra, publicamos alguns excerptos da pastoral que S. E. o Cardeal Patriarca dirigiu à Nação sobre o momento que passa. A voz do Governo definindo a nossa posição segue-se a voz da Igreja, ajudando aquela e seguindo o mesmo alto pensamento português, para nos dizer algumas palavras de Fé e Paz, de Amor e Confiança.



«PERANTE A GUERRA que ensanguenta a Europa, não é para definir posições de Portugal que levantamos a nossa voz. Não nos pertence a nós em nome da Nação. O Governo é quem a representa; a sua voz é oficialmente a voz de Portugal. E o Governo português já definiu a posição do País perante a tragédia actual. Só ele tem a competência, os elementos de informação, a responsabilidade e a graça de estado para declarar as obrigações, defender os direitos, zelar os interesses, salvar a honra da Pátria. Todos os portugueses lhe devem acatamento e obediência, (em tudo o que não importe ofensa dos direitos imprescritíveis de Deus). Aliviemos-lhe o peso das suas responsabilidades perante Deus e os homens, associando-nos a ele com inteligente cooperação, e oferecendo-lhe benévola confiança. Facilitemos-lhe a sua árdua tarefa, com a nossa obediência pronta e activa. Unámo-nos todos em sua volta, como um só homem, para que ele sinta, nesta hora de perigo, mais forte a sua autoridade, mais unânime a sua voz.



É NEGAÇÃO DOS PRINCÍPIOS cristãos toda a guerra injusta. A guerra é em si um mal, que pode tornar necessária a defesa do bem e do direito, neste mundo imperfeito de pecado. Diariamente, a Igreja implora a paz. Deixou-no-la em herança o Mestre Divino. E' tam preciosa que dos votos por ela fez a sua saudação habitual.



A DESIGUALDADE É CONDIÇÃO da existência humana, nos indivíduos como nas nações. O nacionalismo pagão explora-a para estabelecer o imperialismo do mais forte. O marxismo materialista pretende destruí-la, sem o conseguir, com a aniquilação das classes. O racismo funda sobre ela a lei da supremacia natural da raça superior. Em qualquer hipótese, o resultado é sempre

## Saibamos cumprir o nosso dever

É, para a consciência portuguesa, de molde a profundas reflexões, esta hora dramática da vida europeia.

Revela fatuidade mental ou tibieza de espírito nacionalista todo aquê que não debruça a sua atenção no fluir dos acontecimentos para, após sereno balanço, pautar os seus passos e acondicionar as suas atitudes, segundo o Interesse Nacional que sobre tudo deve pairar.

Para o pleno cumprimento dêste mandato torna-se inadiável dar foros de realidade ao integral congraçamento da família portuguesa, isto é, tornar a União Nacional a expressão fidedigna do nosso pensamento.

A compreensão desta verdade aliada a uma disciplina interior conjugaria numa ritmica actuação as deliberações da razão com as manifestações da vontade.

Todos nós sabemos, penosamente, que as palavras «União Nacional» longe, muitas vezes, de corresponderem às directrizes da nossa mentalidade, têm em muitas emergências, a sonância própria de uma imagem política utilizada, como efeito oratório, nas nossas sessões de propaganda.

Se a Ordem Nova se caracteriza pela vigorosa reacção contra as fórmulas sonoras da Democracia, tôdas as palavras na ideologia nacionalista têm de traduzir conceitos reais e verdades sentidas e perfilhadas.

Ora, se cada um de nós fizer um balanço aos seus actos depressa sentirá a morder-lhe a consciência o espinho de uma retaliação levemente originada, o desaforo de expressões inconscientemente proferidas, a injustificada oposição a uma iniciativa em curso, o prurido personalista a rasgar clareiras, a ferir susceptibilidades, a fomentar discórdias enfim uma série de quizilentas atitudes a dividirem a família portuguesa.

Urge calcinar no cadinho do nosso patriotismo todos os factores de cizânia para, integrados nos superiores interesses da grei, cumprirmos o nosso dever de portugueses.

Ao calor da fé nacionalista temos de refundir a nossa mentalidade, consubstanciando, depois de a despir dos resíduos do individualismo desagregador, no Ideal do Império.

A tarefa de renovação material e espiritual que Salazar traçou à nossa geração exige actividade persistente e optimismo, num ambiente de harmonia.

«Deus fêz as nações curáveis: mas para o serem, diz Manuel Múrias no seu último livro *Portugal: Império*, importa que, em primeiro lugar não troquem a alma e saibam na hora própria confessar a Verdade e restituir aos seus actos o sentido da Justiça universal, que alimenta as grandes concepções transfiguradas.»

Postas em relêvo, nesta hora de sábia doutrinação, as «constantes» da nossa História, Portugal reata a missão de apóstolo das gentes, traçada pela Providência.

\* \* \*

A consolidação da unidade nacional e o robustecimento da disciplina corporativa devem ser as nossas primeiras preo-

(Continua na 4.ª página)

## A' MARGEM

inhumano: opressão do mais fraco, tirania do mais forte. O cristianismo resolve o facto da desigualdade pela lei da justiça e do amor. Desta desigualdade, ensina a edificar, pelo espírito, à luz do Evangelho, uma ordem moral cuja beleza transcende o que de mais belo nos oferece a ordem física.



COMO PORTUGUESES, ENTÃO o nosso interesse comum está em afirmar bem alto, além da fidelidade aos compromissos da Nação, a intangibilidade do direito natural. Em Portugal, temos uma tradição longa e profunda de cristianismo, que nos defende de assentar puramente na força o edificio do direito, ou no sangue e na raça a fonte da vida humana inteira, até a vida intelectual e moral.



A EUROPA ATRAVESSA DESDE HA MUITO grave crise. A anarquia internacional substituiu-se ao sentimento da sua unidade moral.

Quebrou primeiro esta unidade o Protestantismo. A autoridade suprema do Vigário de Cristo deixou desde então de ser o órgão da unidade espiritual da Europa. As nações perderam o sentimento da sua solidariedade, dividindo-se em campos inimigos...

Desde então, a política de solidariedade cristã deu lugar à política realista de equilíbrio.

Tentou-se, depois da Grande Guerra, organizar a cooperação internacional para assegurar a paz, com a criação da Sociedade das Nações. Era uma ideia cristã, apesar da infiltração maçónica e laica que nos seus organismos pudesse haver. Mas enfermava de um vício fundamental: a ausência de um ideal comum de civilização. E viu-se entrar nela a Rússia, que negava os princípios sobre que se fundava a própria civilização europeia! A Europa e o mundo sofrem de um mal profundo: a sua divisão espiritual.



A CIVILIZAÇÃO DA EUROPA criou-se sob as asas maternas da Igreja. A ela deve a sua unidade e esse sentido da dignidade humana, que é seu título de glória. Mas o protestantismo, a revolução liberal, o laicismo e agora as ideologias francamente pagãs têm sucessivamente enfraquecido ou cortado as raízes cristãs que a sustentavam. Que admira que, feridas as raízes, seque

(Continua na 4.ª página)

# D A C I D A D E

## VIDA CATÓLICA Desporto no Benlhevai

### 18.º Domingo depois do Pentecostes

**Evangelho** (Mateus., XIII, 1-14). — Continuando Jesus a falar aos príncipes dos sacerdotes em parábolas disse: «O reino dos céus é semelhante a um bom rei, que fez as bodas a seu filho. Mandou chamar os convidados para as bodas, mas eles não quiseram ir. Enviou de novo outros servos com este recado: Tenho preparado o meu banquete; os meus touros e os meus animais cevados estão já mortos, e tudo está pronto. Vinde às bodas. Mas eles desprezaram o convite, e foram-se, um para a sua casa de campo, outro para o seu negócio. Outros lançaram mão dos servos que lhes foram enviados, e, depois de os haverem ultrajado, mataram-nos. O rei, tendo ouvido isto, irou-se, e, havendo feito marchar os seus exércitos, acabou com aqueles homicidas, e pôs fogo à cidade. Então disse aos servos: As bodas, com efeito, estão preparadas; mas os que estavam convidados não foram dignos de nelas tomar parte. Ide pois às saídas das ruas, e convidai para as bodas a quantos achardes. E, tendo saído os seus servos pelas ruas, reuniram todos os que acharam, maus e bons; e ficou cheia de convidados a sala do banquete das bodas. Entrou depois o rei para ver os que estavam à mesa, e viu ali um homem que não estava vestido com veste nupcial; e disse-lhe: Amigo, como entraste tu aqui, não tendo veste nupcial? E ele ficou calado. Então disse o rei aos seus ministros: Atai-o de pés e mãos, e lançai-o nas trevas exteriores: aí haverá choro e ranger de dentes. Porque são muitos os chamados, e poucos os escolhidos.

**Homília.** — Tendo os judeus, repellido o benefício da Redenção, Nosso Senhor manda aos Apóstolos que vão convidar todos os gentios, todas as nações da terra para o festim nupcial, isto é, a

entrar na sua Igreja... para aí participarem dos ensinamentos, dos Sacramentos, das graças que êle dá a todos, a fim de se tornarem filhos de Deus, herdeiros do céu e salvarem-se. Bemdigamos e agradeçamos a Nosso Salvador uma tal bondade e um tal amor por nós!

Nosso Senhor infinitamente bom, sábio e poderoso, convida todos os homens, pagãos e cristãos.

Aquêles que estão mergulhados nas trevas do paganismo enviá-lhe Apóstolos para lhe pregarem e mostrarem a necessidade e os benefícios da verdadeira Religião, o poder e a bondade de Deus. Aos que já são cristãos, mais ou menos negligentes ou ignorantes, envia também seus ministros para os instruir e levá-los a abraçar uma vida mais cristã, e participar mais vezes e mais dignamente das instruções e dos Sacramentos.

Convida igualmente uns e outros por meio de bons livros que os instruem. Serve-se ainda de diversos meios, como bons exemplos, um acidente imprevisto, uma morte repentina ou outras desgraças. Todos estes diferentes convites são graças preciosíssimas... Mas é necessário querer sinceramente aproveitar-se delas. Felizes as almas fiéis.

Entre os cristãos, quantos vivem numa culpável indiferença!... ou numa triste cegueira, num apêgo excessivo às cousas ou aos bens da vida presente. Ser chamado à verdadeira fé, entrar na verdadeira Igreja, é seguramente uma grande graça. Vêde este infeliz convidado do Evangelho: êle veio, na verdade, mas sem a roupa nupcial e foi expulso. Quantos maus cristãos se escusam hoje e dizem: Mas eu sou cristão, faço as minhas orações, vou à Missa, etc. A vossa vida é em tudo digna de Deus, conforme à do vosso divino Mestre. Que desculpas dareis a êste Juiz que tudo sabe? O castigo, é o inferno com todos os seus suplícios!... Meus irmãos, como procedeis vós a respeito destas cousas? Apressai-vos, pois, a revestir-vos da veste nupcial, a fim de serdes recebidos no céu. Amen.

### Tarde de mau futebol, resultado exagerado da casa

Vitória, 5 — Leça, 1

Qual a linha que apresentará o Vitória em campeonato? O Vitória sem avançado centro!??...

Como anunciamos, realizou-se no passado domingo o encontro entre o Vitória e o Leça F. C., da A. F. P., saindo êste vencido pelo resultado acima indicado, depois de um jôgo monótono e falho de técnica.

Êste desafio que pouco interesse despertou, teve a presenciá-lo uma pequena assistência, contribuindo ainda para isso o mau tempo.

#### Como decorreu o encontro

Os grupos:

**Vitória** — Adélio, Lino e João; José Maria, Zeferino e Vitorino; Rodrigues, Pantaleão, Alexandre, Tavares e Bravo.

**Leça** — Santiago, Paulo e Waldemar; Nabça, Elísio e Soares; Nêlino, Bill, Quecas, Almeida e Emiliano.

A'rbíto: João Augusto Passos.

A's 16 e 30 sai o Vitória com vento contrário, levando a bola até às rêdes adversárias, mas Tavares atira por alto.

Seguidamente há uma nova avançada dos locais, passando Tavares a Laureta e êste a Pantaleão que acaba por lançar ao lado do poste.

Como nos dois jogos anteriores Tavares é o condutor do ataque, seguido de Pantaleão que se encontra em boa forma e com um óptimo pontapé.

São decorridos 10 minutos e o jôgo continua aborrecido e fraco; Zeferino aproveitando uma passagem da direita visa de longe a balisa dos portuenses, ao canto superior esquerdo, fazendo assim o 1.º goal aos 15 minutos.

Com a marcação desta bola, os locais animam, mas os adversários dão sempre réplica, e só aos 19 minutos, depois de avançadas alternadas nos dois campos, Laureta consegue a 2.ª bola.

Êste «goal» suscitou dúvidas quanto à sua validação, pois Santiago mergulhou

escapando-se-lhe a bola por debaixo do corpo, mas quando ia a transpor a linha do goal apareceu um pé salvador a devolvê-la para o terreno.

Alguns jogadores lecenses protestam, e talvez com razão, mas o árbitro indica o centro do terreno.

A seguir é a defesa vimaranense que concede canto; Ricóca defende desviando novamente para canto, e no segundo. Bom é quem salva; Bravo apodera-se da bola, ensaia uma fuga, passa-a a Alexandre que lha devolve, centrando Bravo mais uma vez para Pantaleão... atirar por alto ao canto esquerdo.

Havia 35 minutos de jôgo quando surgem dois avançados verdes, sós, em frente das rêdes de Adélio, mas acabam por se atralhar consentindo a intervenção do guarda-rêdes.

Se tivessem marcado era justo, pois compensava o estôrço dispendido pelos avançados.

Aos 38 minutos Zeferino mete mão sôbre a linha de grande área; o árbitro assinala o castigo, os jogadores locais fazem barreira e na marcação, Quecas atira às pernas dum dos adversários da barreira.

Quando faltavam 5 minutos para o final desta primeira parte do encontro, o árbitro, talvez devido à chuva, deu sinal de terminar.

No intervalo: Vitória 2 — Leça 0.

#### 2.ª parte

Contrariamente aos dois desafios anteriores, não se notam modificações nos grupos.

São 17 e 40 minutos quando se dá início à segunda parte do encontro, cabendo a bola de saída ao Leça que fica contra o vento.

Rapidamente o Vitória se apodera da bola e Pantaleão tenta visar as rêdes de longe, mas o guarda-rêdes atento desvia para canto, do qual nada resulta.

(Continua na página seguinte)

## NOTICIÁRIO

### Sociedade

Regressou a esta cidade o meretíssimo juiz de direito desta comarca.

— Esteve nesta cidade o architecto Baltazar de Castro, director dos Monumentos Nacionais.

— Com sua espôsa partiu para Lisboa o sr. dr. António Augusto da Silva Carneiro Júnior.

— Já se encontra entre nós o sr. dr. Alfredo Dias Pinheiro, professor do nosso liceu.

— Regressou de Vila do Conde o sr. Domingos Leite de Castro.

— Por motivos imprevistos não pôde partir para o Congo Belga o nosso amigo Henrique Martins, no passado dia 23, ficando adiada a partida para o próximo dia 14.

— Tomou posse da sua nova escola o nosso camarada professor António Sílvia da Silva Fernandes de Macedo, nomeado para a freguesia de Polvoreira.

— Regressaram a esta cidade com suas famílias os srs. dr. Armando António Bárbara e dr. Francisco Moreira Sampaio.

— Foi nomeado para a freguesia de Creixomil o nosso amigo padre Manuel de Freitas Leite, capelão da V. O. T. de S. Domingos.

— Partiu para Lisboa a sr.ª D. Maria Filomena Trocado de Freitas do Amaral, acompanhada de seus filhinhos.

— Encontra-se nas suas propriedades da Várzea, vindo do Caramulo, o nosso amigo Rodrigo Lobo Medrado Cardoso de Meneses.

— Regressou a esta cidade o nosso camarada Rodrigo Martins de Meneses da Silva Bastos, já completamente restabelecido do desastre da aviação de que foi vítima.

— Partiu para Lisboa a fim de fazer o concurso para aviação o nosso camarada alferes Carlos Hercúmano de Castro Meireles Amado.

### Aniversários

Domingo, 8 — Henrique Nuno Cardoso de Almeida Campos.

Terça, 10 — Dr. José Cardoso de Meneses (Margaride).

Sábado, 14 — Dr. Jerónimo Maria Lacerda.

Pedro Trocado Freitas do Amaral. Fernando Monteiro de Meira Vieira Ramos.

Domingo, 15 — José Manuel Leite de Castro.

### Futebol

Jogos do próximo Domingo, de Campeonato:

Vitória Sport Club — Foot-Ball Club de Braga.

Sporting de Fafe — Sporting de Braga. Gil Vicente — Foot-Ball Club de Famalicão.

— Foi castigado com repreensão registada o jogador Francisco Rodrigues, por indisciplina no jôgo com o Salguei-

ros, o que focamos no nosso respectivo relato.

### Penha

Brevemente principiãrão os trabalhos da reparação das estradas de acesso à Penha, o que muito bem beneficiar esta linda estância de turismo.

### Festividade

Na igreja de S. Francisco realizou-se a festa do seu patrono.

### Frei Bernardo de Vasconcelos

Romagem de piedade ao túmulo deste venerando servo de Deus, amanhã, Domingo, promovida pelo grupo «Devotos de N.ª S.ª da Oliveira», visitando-se o túmulo de Basto, Castelo de Arnoia, Santa Quitéria, Mosteiro de Pombeiro.

Partida de manhã e regresso à tarde. Inscrição na casa dos srs. Manuel da Cunha Machado, Filhos (Porta da Vila)

## DESPORTO NO VENTILAR

(Continuação da página anterior)

Bravo, a seguir, demora o esférico nos pés e Santiago defende com facilidade.

Decorridos 5 minutos há uma grande confusão em frente das rédes dos visitantes, e com o guarda-rédes caído, os avançados locais não atinam com a balisa, acabando esta confusão por um castigo contra o Vitória.

Aos 13 minutos há um canto contra o Leça; marca-o Bravo, Tavares remata rápido de cabeça e é Pantaleão que impõe a bola para as rédes — mas com a mão.

A assistência aplaude, julgando ter havido goal, mas o árbitro que viu, invalidou-o por ter existido uma jogada irregular.

Surge um canto contra os nossos, marcando-o Emiliano e, como lhe passassem novamente a bola, êle centra e o extremo direito faz o pior, rematando por cima da balisa quando se encontrava, à vontade, em frente de Ricóca.

São 17 horas e o Leça está a merecer marcar, pois tem jogado mais que o Vitória, parecendo êste ter somente 10 elementos em campo, visto o seu avançado centro só ter estragado jôgo — em que-das tem-se exibido bem.

Dêste assédio, aparece um canto contra os locais, e depois de marcado parece dar um goal, que foi invalidado por ter havido uma *mãosinha* a metê-lo.

Tavares vem à defesa buscar jôgo, progride no terreno e visa de longe as rédes de Santiago, com o 3.º goal aos 30 minutos.

Depois de um canto contra o Vitória, Laureta apodera-se da bola e passa-a a Alexandre que com um pequeno toque obtém o 4.º goal aos 35 minutos.

Passados alguns minutos Zeferino consegue um dos seus tiros que encontra a barra superior, e na recarga Tavares parece obter novo goal, mas quando Santiago se lançava, Alexandre desviou para fora.

Aos 40 minutos o extremo direito visitante consegue o seu ponto de honra, e finalmente Laureta fixa o resultado em 5-1.

O encontro terminou depois do tempo regulamentar, talvez em desconto dos 5 minutos da primeira parte.

A arbitragem foi boa.

No Leça — Notamos Santiago menos seguro que em outras épocas. Quecas como sempre combativo e Emiliano continua a ser um bom extremo, e como capitão de equipe gostamos da sua atitude, procurando acalmar sempre os companheiros.

## Do Vitória

Zeferino está a adquirir a sua forma habitual.

José Maria tende a fugir muito para o centro do terreno e, como Vitorino, está a jogar muito recuado o que prejudica os avançados.

O trio defensivo continua seguro.

Na avançada faltou um centro.

No nosso último número dissemos ser interessante experimentar um dos avançados centros, em experiência, a médio esquerdo, mas com grande surpresa notamos que o Vitória não tem mas é um homem para o eixo da sua linha de ataque.

Alexandre que já temos visto fazer bons desafios, como ultimamente em Moreira no dia em que o Vitória defrontou o Boavista, não serve para avançado centro do nosso team.

Não é com bonitos, de vez em quando,

## CORPORATIVISMO

## Em conversa com o presidente do Sindicato dos Padeiros

Largo do Carmo acima... por um entardecer fresquinho, que não chuvoso, dum dia do último mês, e logo estamos a bater ao *ferrôlho* do Sindicato dos Padeiros.

Abre-nos a porta o nosso amigo sr. Ezequiel de Sousa com quem vamos conversar.

Ao entrarmos, imediatamente sentimos que não se estava numa sede pelintra.

Uma boa mesa-secretária, nada pior que esta, uma estante, um moderno receptor *Philips*, mas dos que falam *grôso*, e até um aquecedor, em férias, talvez ancioso por entrar ao serviço.

Muito papel selado, cartões de identidade, etc., tudo a demonstrar-nos que há movimento.

— Ora então estamos nós na Sede do Sindicato...

— Na Sede, não é bem assim; na sede duma Secção, porque a Sede do Sindicato Nacional dos Manipuladores de Pão do distrito é em Braga.

— Isso é o que se chama: «entrar a tempo e horas...»

Mas... por tôda esta papelada que vejo, concluo que tem muitos sócios!

— Só uns 127.

— Também parece que aqui se vive bem!...

— Não se engana. Economicamente vivemos desafogadamente, apesar de termos, a meu ver, mais despêsas do que a Sede.

— Como explica...

— Muito facilmente: deslocações para o Sindicato, em Braga, chamadas do sr. Delegado, pagamento da percentagem de 20 p. c. para a Sede...

— Qual é então a causa da Sede do Sindicato estar em Braga?

— Porque lá há maior número de operários desta indústria.

— Uma cousa: Quem foram os principais fundadores dêste Sindicato (chamo-lhe assim porque não engraçada lá com a «Secção»...).

— Foram: Ezequiel de Sousa, João Francisco da Silva e José Pinto de Carvalho.

— De quem se compõe a actual direcção?

— De: Ezequiel de Sousa, José Pinto de Carvalho e de António Nunes de Carvalho.

— O aparecimento dêste Sindicato valeu alguma cousa à vossa classe?

— Ora se valeu! Normalizou-se o horário de trabalho; os patrões têm

pelos seus operários maior consideração (alguns puseram termo às hostilidades...).

Quere até o sr. ver: Com os novos aparelhos que nas padarias se usam, a aprendizagem é fácil e o aprendiz com menor salário se contenta. Portanto os profissionais viriam a atravessar uma grande crise porque os seus salários têm de ser maiores; estamos a ver que o desemprego seria muito maior. Assim, com as cartas de profissionais, com a futura regularização da admissão de aprendizes e com a fiscalização e protecção do Sindicato nada disso se dá.

No que diz respeito a aprendizes, para já, não podem ser admitidos.

— Apesar disso há algum desempregado?

— Há alguns.

— E que pensam fazer?

— Emquanto os não collocarmos havemos de subsidiá-los. Pensamos até em oferecer-lhes uma refeição diária na Cozinha Económica.

— Prestam outra assistência, a doentes, por exemplo?

— Sim senhor. Ao sócio doente damos 5\$00 diários. Temos, por exemplo, um que já recebe o subsídio há 4 meses.

— Quanto têm gasto, em média, por ano?

— Aí cêrca de 2.500\$00.

— Então a quota que cada um paga deve ser elevada, atendendo a tôdas as despêsas de que falamos!?

— Em relação aos outros sindicatos a nossa quota é, de facto, das maiores. 5\$00 mensais até Fevereiro; daí para cá 5\$50.

— Projectos?...

— Para já, o salário mínimo. Já foram apresentadas as respectivas tabelas. Também se apresentaram tabelas para o Contrato Colectivo do Trabalho.

— E para depois?

— Para depois, noutra ocasião falaremos.

Concordamos porque o trabalho dêste nosso amigo ia começar, mais um dia, daí a pedaço. Talvez precisasse de descansar ainda um pouco.

E assim acabou a nossa conversa com um dos bons elementos da Organização Corporativa em Guimarães, a quem desejamos perseverança e energia para continuar na luta por esta causa bem-dita: a Organização do Trabalho Nacional.

A. S. J. H.

## Preço da assinatura

Anual . . . . .	24\$00
Semestre . . . . .	12\$00
Trimestre . . . . .	6\$00
Avulso . . . . .	\$50

que se vence uma defesa rude, ou um médio centro a jogar com energia, é preciso físico.

Se em campeonato, a linha avançada continua a ser a de domingo passado, então seria melhor chamar novamente Clemente.

## Organização corporativa

## Decreto n.º 29.931

«Artigo 1.º E' obrigatório para tôdas as empresas singulares ou colectivas que exerçam a sua actividade em ramo de comércio ou de indústria organizado corporativamente, nos termos dos Decs. n.ºs 24.715, de 3 de Dezembro de 1934, e 29.232, de 8 de Dezembro de 1938, estejam ou não inscritas nos respectivos grêmios, o pagamento das jóias e cotas a que, por disposição estatutária, estejam sujeitos os sócios dos mesmos organismos.

§ 1.º Continua pertencendo às

assembleas gerais, conselhos dos grêmios ou de agrupamento de grêmios, a fixação das importâncias a que se refere êste artigo, a qual porém só será considerada válida depois de sancionada pelo Sub-Secretário de Estado das Corporações.

§ 2.º A inobservância do disposto neste artigo será punida com multa igual ao quíntuplo da importância em dívida, elevada ao dôbro no caso de reincidência.

Art. 2.º Sempre que as circunstâncias o justificarem, poderá o Sub-Secretariado de Estado das Corporações determinar para os profissionais não inscritos nos sindicatos nacionais que os representem a obrigatoriedade de pagamento das jóias e cotas a que, por disposição estatutária, estejam sujeitos os sócios dos mesmos organismos.

§ único. No despacho em que declarar a obrigatoriedade de pagamento nos termos dêste artigo, e em relação a profissões em que se reconhecer a dificuldade de cobrança directa pelos sindicatos, poderá ainda o Sub-Secretariado de Estado das Corporações estabelecer que a mesma seja fiscalizada ou efectuada pelas entidades patronais.

Art. 3.º Compete ao Sub-Secretariado de Estado das Corporações determinar as profissões em relação às quais a carteira profissional e título indispensável ao respectivo exercício.

§ 1.º As carteiras profissionais são passadas pelos sindicatos nacionais e visadas pelo Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, depois de aprovados os respectivos regulamentos pelo Sub-Secretariado de Estado das Corporações e Previdência Social.

§ 2.º Da denegação da carteira, bem como da classificação da categoria profissional, há recurso a todo o tempo para o Sub-Secretário de Estado das Corporações.

§ 3.º A obrigatoriedade da carteira profissional em caso algum é aplicável à aprendizagem.

Art. 4.º Os despachos de que constem as determinações previstas nos artigos 2.º e 3.º serão sempre publicados no *Diário do Governo*.

Art. 5.º O não cumprimento por parte das entidades patronais dos despachos exarados ao abrigo do disposto nos artigos 2.º e 3.º fica sujeita ao regime de sanções previsto no artigo 4.º do decreto n.º 29.006, de 17 de Setembro de 1938, na parte aplicável.

Art. 6.º O produto das multas aplicadas nos termos dêste decreto reverte a favor dos fundos de assistência das instituições de previdência referentes às actividades a que pertencerem os infractores e, na falta delas, aos fundos de assistência dos organismos corporativos correspondentes, conforme fôr determinado pelo Sub-Secretariado de Estado das Corporações.

Art. 7.º Compete aos tribunais do trabalho a instrução e julgamento dos processos e à fiscalização do trabalho o levantamento dos autos de notícia a que êste decreto dê lugar. Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

Paços do Governo da República, 15 de Setembro de 1939.»

Visado pela

Comissão de Censura

## A' memória de D. Cristina Amélia da Silva Carneiro

Encarnava esta distinta senhora o espírito cristão das donas de outrora e tinha o carácter forte da mulher de que nos fala a Escritura Modelo de esposa e mãe que soube criar a sua numerosa prole, com o exemplo e lições que aprendera, no seu lar cristão. Era duma educação fina, cativava pelos seus requintes de gentileza.

A todos recebia fidalgamente e as suas portas estavam sempre abertas e o sorriso nos lábios.

Mulher formosa, moribunda, com o crucifixo na mão, parecia uma santa, pintada numa tela.

Era dotada dum coração generoso, fazia o bem, sem alarde, espontaneamente, não esperava que lhe pedissem.

Morreram-lhe filhos adolescentes e próximo à morte morreu-lhe um casado, deixando na orfandade 6 filhos. Sabia sofrer e calar, para não encomodar ninguém, como ela dizia. Concentrava em si a dor; e quem a visse presenteira, boa aparência, o sorriso no rosto, diria que não sofria.

Era a mulher forte, agarrada à devoção do Sagrado Coração de Jesus, que a embalou no berço, herança de sua tia, a benemérita D. Maria José Carneiro, fundadora da Confraria, Associação do Coração de Jesus e escola anexa para a educação de crianças pobres.

D. Cristina desarmava o ódio e revoltas das classes pobres, por que descia do seu salão e ia ao povo, como a Rainha Santa, com as rosas no regaço.

No populoso bairro da rua de Santa Cruz, quando os sinos davam o sinal do falecimento, mocinhos diziam: morreu aquela Senhora de Santa Clara que nos dava muito pão, quando nós lá iam pedir e ela dizia «comei, comei e levei para a vossa casa», era muito boa, temos muita pena!... e os sinos continuavam na toada triste a levar o luto aos corações.

Nos salões já não se vê aquela gentil senhora e nas ruas, com o sorriso nos lábios a cumprimentar a todas.

Morreu!...

A sombra da Cruz de braços abertos e dos ciprestes que se levantam para o Céu, no ciclar misterioso e longínquo d'além campa, vamos depor as flores da saúde e as lágrimas da nossa dor sobre a pedra da sepultura, oferecendo ao Céu uma prece pelo seu descanso eterno e em nome dos pobres, osculando-lhe a mão fria, gelada pela morte.

P. F. S.

### Aviso

Durante o prazo de 15 dias, que termina no dia 13 do mês corrente, está aberto concurso para admissão de candidatos a operador de reserva dos C. T. T., com o vencimento mensal de 500\$00.

Nesta estação prestam-se esclarecimentos.

Guimarães e estação telégrafo-postal, em 3 de Outubro de 1939.

O Chefe da Estação

José Carreira.

## DR. ALFREDO BRAVO

MÉDICO

Doenças da boca e dentes

Praça D. Afonso Henriques, 6

AUSENTE ATÉ 15 DE OUTUBRO

# CARTA DE LISBOA

## A' MARGEM

(Continuação da 1.ª página)

a planta? Falta Cristo à Europa e ao Mundo.



**A MISSÃO DE PORTUGAL** perante a crise contemporânea, está oficialmente definida: defesa da civilização cristã. Portugal quer assentar o edifício político-social sobre alicerces de princípios cristãos: — sentido da autoridade, reconhecimento da pessoa humana, defesa da família respeito da Igreja, primazia do direito sobre a força, cooperação das classes, justiça social, colaboração internacional. Na medida em que fôr fiel a este programa, Portugal está trabalhando em favor da paz. Esta não exclue a força, emquanto a força está ao serviço da justiça e do direito; mas é principalmente obra do espírito, que realiza a ordem interior nas almas.



**PORTUGAL FICANDO FIEL À CAUSA** da civilização cristã, continua a sua missão providencial — e defende a Europa, visto que esta é, historicamente, sinónimo daquela. Civilização cristã significa o conjunto de valores espirituais e humanos, que a caracterizam e fazem a sua superioridade sobre todas as civilizações antigas. Constitue ele o património precioso da Europa e dos povos por esta formados. Portugal foi desde nascença soldado e apóstolo dela. E quando a Europa começou, com a Reforma protestante, a abrir brecha na sua unidade moral, ele reforçou interiormente a consciência católica da Nação. Nesse século, enquanto em quasi todos os países da Europa lavrava o incêndio, da guerra, os poetas cantavam a «doce paz dourado», que foi o prémio da fidelidade portuguesa.



**PEÇAMOS FERVOROSAMENTE** a Deus que apresse o fim da guerra e nos traga uma paz justa e duradoura; que o sangue já derramado seja o preço duma organização internacional que respeite os direitos de Deus, assegure o direito, mantenha a paz, salve a existência e a liberdade dos povos, defenda a humanidade; que Portugal seja poupado aos horrores das devastações, incêndios, violações, mortes e sofrimentos, que são o cortejo inseparável da guerra; que a graça de Deus ilumine, inspire, conforte, sustente e defenda os nossos governantes, guardas da nossa honra nacional e da nossa segurança e do património pela nação acumulado em oito séculos de história. Oremos pelas vítimas inocentes da guerra: — pelas mulheres que trazem com luto no ventre a alegre promessa da vida; pelas mães que choram com altivez a morte gloriosa dos filhos; pelas crianças inocentes que riem sem conhecer sequer a desgraça que as fere; pelos heróis que combatem pela liberdade da sua pátria; pelos soldados mutilados, que olham com tristeza para um futuro incerto; pelos que, com o coração sêco de desespero, não podem já nem chorar nem rezar; pelos que caíram para sempre no campo da batalha ou a morte traiçoeira foi buscar ao lar inerme dos seus amores. Oremos por todos, sem distinguir entre eles, onde quer que se encontrem e sofram dor e aflição.»

trabalho e pelo bom serviço prestado a certos sectores de opinião.

\* \* \*

Com a contínua repressão, por parte das autoridades, dos muitos e variados abusos abusos se têm verificado no tocante à especulação e açambarcamento de víveres e outros produtos de primeira necessidade, é já importante o número dos processos instaurados e das apreensões feitas.

Até agora, a maior «limpeza» policial foi realizada em determinada leitaria daqui, onde existiam nada menos do que 999 caixas de sabão, com o peso total de quasi trinta toneladas! Este ardil de misturar sabão com bolos e leite, não conseguiu iludir a vigilância legal, que tem expressas instruções do Ministério do Comércio para atender todas as queixas apresentadas e averiguar da sua legitimidade. Mas...

Mas, em contra-partida, lembrem-se por sua vez os consumidores de que constituem também actos de açambarcamento, todas as reservas extraordinárias que, porventura, façam e para que não há justificação possível.

\* \* \*

**Ao que nos conta certo jornal da manhã**, um dos mais engraçados episódios ocorridos durante a Viagem Presidencial, deu-se exactamente a bordo do navio em que ia o Chefe do Estado.

Foi o caso dos jornalistas estrangeiros surpreendidos em pleno mar pela declaração de guerra — duas francesas, um brasileiro, um belga, um italiano, um inglês e um alemão.

Sobretudo os dois últimos, parece que se viram em palpos de aranha para resolver a situação. Tinham sido amigos e, de repente, deviam tratar-se como inimigos irreconciliáveis. Ora, qualquer deles era patriota a valer e não se resignava facilmente a posições equívocas. Mas, por outro lado, quebrar o protocolo com qualquer atitude menos cortês, seria de-veras inconcebível.

Como resolver o caso? A dificuldade era alucinante.

Então começaram a pensar e acabaram por solucionar o medonho problema. Era forçosa que fossem inimigos? Pois bem, sê-lo iam. E desafiaram-se para uma partida de xadrez, que só devia acabar com a viagem...

Z. de M. F.

29-9-939.

## Saibamos cumprir o nosso dever

(Continuação da 1.ª página)

cupações, pois só podemos facilitar a espinhosa tarefa do Governo da Nação integrando-nos naqueles princípios básicos da política do Estado Novo.

Saibamos dominar a nossa sensibilidade de cristãos, sempre impressionável à dor alheia, submetendo-nos às razões ditadas pelo Interesse Nacional.

Se assim procedermos teremos cumprido o nosso dever de portugueses, nesta hora grave da vida dos povos.

Tudo que não esteja enquadrado nestas directrizes denota uma falsa interpretação da atitude portuguesa, em face da tragédia europeia.

HUGO ALMEIDA